

Utopias na Era de Aquário

Marcos Lobato Martins

Para a juventude dos anos 1960, os adultos serializados¹, capitalistas ou comunistas, tinham mais coisas em comum do que eram capazes de perceber. Ambos concebiam o mundo como algo estático, feito e acabado, com rígidas fronteiras nacionais, barreiras ideológicas, hierarquias e preconceitos arraigados, disciplinadamente defendidos. Apegados aos seus sistemas de crenças e bandeiras políticas, as elites do “Mundo Livre” e da “Cortina de Ferro” não imaginavam alternativas – por isso, acostumaram-se à sufocante *coexistência pacífica* garantida por fabulosos arsenais nucleares. Nos Estados Unidos e na União Soviética, as máquinas político-sociais produziam milhões de indivíduos conformistas, serializados, que se deixavam conduzir com o resto da manada, ansiosos para se ajustarem às regras que lhes eram impostas. Os jovens rebeldes dos anos 1960 pensavam que estes homens não eram verdadeiramente livres, nem capazes de assumir a responsabilidade de sua própria existência. Estas hordas de indivíduos enquadrados pelo *Sistema* receberam a denominação de *squares* (“quadrados”) ou *caretas*. Denominações que denunciavam o abismo que se formara, no pós-guerra, entre os mais velhos e os mais jovens.

“Nunca confie em ninguém com mais de trinta anos”²

À imagem realizada do “adulto careta”, opunha-se a imagem em construção do “adolescente permanente”, saudada nas inscrições do radicalismo estudantil de 1968 em *slogans* como: “Recreação Permanente”; “Contestação Permanente”; “Sob o calçamento, a praia”.

¹ O termo foi criado por Jean-Paul Sartre, relacionado à vida organizada da sociedade moderna e sua propensão a produzir a existência inautêntica do indivíduo.

² Os subtítulos usados neste texto são inscrições feitas pelos estudantes rebeldes de Maio de 68 nos muros de cidades francesas.

Ao espírito adulto sério e conformista, que valorizava o ajustamento social, os jovens contrapuseram o espírito de desobediência civil, antiautoritário, transformador dos valores e comportamentos, expresso nas canções de protesto e no *rock*, na sensualidade dos cabelos longos, nas roupas coloridas e nos corpos que se recusavam a uma assepsia artificial.

Esta mutação, que alguns estudiosos decidiram interpretar como simples “conflito de gerações”, evidentemente não brotou do nada. Ela encontrara raízes em movimentos e processos dos anos 1950 e 1960. Afinal, de um lado existia uma nova situação para a vida dos jovens e, por outro lado, havia fissuras na realidade que a sociedade industrial avançada tentava levar a todo canto do planeta. Noutras palavras, a juventude estava exposta a novas condições sociológicas, ao mesmo tempo em que recebia influências originárias de mobilizações e lutas comprometidas com a transformação social em diversas partes do mundo, na periferia e no centro do *Sistema*.

No ambiente da sociedade industrial do pós-guerra, diversas transformações contribuíram para gerar circunstâncias favoráveis à contestação social por parte da juventude. Em primeiro lugar, a novidade demográfica é absolutamente crucial. Os anos 1950 e 1960 foram tempos de *baby boom*. Especialmente nos Estados Unidos, a taxa de natalidade expandira-se bastante, desde o fim da Segunda Guerra até o início dos anos 1960. Por conseguinte, tornara-se muito grande a cifra de pessoas abaixo dos 20, 25 anos no país. A tendência demográfica, portanto, apontava no sentido de fazer da juventude uma peça importante no tabuleiro das relações sociais. Em segundo lugar, a crescente urbanização concentrou os jovens em espaços de dinamismo e complexidade notáveis, que foram palco da consolidação de modos de vida específicos. Nas metrópoles do mundo industrial, formou-se uma cultura própria, agitada e boêmia, necessariamente aberta, em maior ou menor medida conforme o país ou região, a mudanças comportamentais, experimentações, inovações temáticas e formais. Novidades cujo aparecimento e difusão eram facilitados pelos avanços

tecnológicos verificados no período. A propósito, basta citar o caso do surgimento da pílula anticoncepcional, no início dos anos 1960, que possibilitou grandes mudanças de comportamento sexual e nas relações familiares e de gênero. Sem a pílula, teria vingado a invenção da estilista inglesa Mary Quant – a minissaia –, que se tornaria expressão direta da pulsão libertária dos jovens do período? Em terceiro lugar, nas grandes cidades e nas metrópoles, o aumento quantitativo das classes médias pressionou os governos a ampliarem o acesso ao ensino superior, frequentado por número crescente de jovens. Nas Faculdades e Universidades, centenas de milhares de jovens se depararam com problemas comuns para os quais se aplica perfeitamente a descrição sintética de um eminente sociólogo francês: “Os modelos e as formas de educação (...) são muito arcaicos. Sua função é antes a de manter tradições e princípios do que preparar e permitir mudanças”.³ Naturalmente, os *campi* viraram lugares de gestação de questionamentos, críticas, reivindicações e protestos endereçados à sociedade estabelecida. Os jovens universitários de classe média encontraram na convivência dentro dos *campi* ocasião para a formação de uma identidade grupal e, simultaneamente, obtiveram um meio de adiar a integração no “mundo dos adultos”. Assim, a juventude pôde se auto-representar como um coletivo “diferente” ou uma “carreira” longa.

E havia ainda outro elemento novo de grande importância na configuração do ambiente das sociedades industriais do pós-guerra. Nas cidades da virada dos anos 1950 para os anos 1960, repletas de jovens (estudantes, artistas, trabalhadores e marginalizados), a televisão caminhava para tornar-se a principal diversão das famílias. Nos Estados Unidos, em 1962, 90% das famílias possuíam televisão; em 1965, cada americano assistia em média cinco horas diárias de programação. Os meios de comunicação de massa, notadamente a televisão, já forjavam, então, a *aldeia global* – expressão cunhada pelo canadense Marshall McLuhan. Crescendo dentro dela, a geração do

³ TOURAINE, Alain. *Le Mouvement de Mai ou Le Comunisme Utopique*. Paris: Seuil, 1968.

baby boom viu aproximarem-se realidades geograficamente afastadas, romperem-se barreiras impostas pelo “local” e pelo “tradicional”, enfim, teve seus horizontes e informações significativamente alargados. É claro que o grosso da programação das emissoras e redes de TV difundia os valores, atitudes e comportamentos adequados ao capitalismo, o que contribuía para acentuar a alienação. Porém, a televisão não deixou de transmitir, ainda que de modo não intencional, as contradições da sociedade industrial, de encorajar idéias de liberdade e igualdade, de alimentar o desejo por mudança. Não há dúvida de que a televisão potencializou a circulação de imagens, palavras, sons, gestos, comportamentos e ações vinculados à contestação social que ocorria em diversas partes do mundo. Ao mostrar a espontaneidade e os pontos de identidade que aproximavam esses movimentos de contestação, a televisão estimulou-os reciprocamente e gerou solidariedade entre os participantes, enquanto produzia espanto e reações condenatórias no seio das classes médias e das elites conservadoras.

Vista ao microscópio, a carapaça do processo de expansão planetária da sociedade industrial exibia frestas. No chamado Terceiro Mundo, o pós-guerra assistiu a eclosão de numerosos movimentos anticolonialistas, que implicaram mobilizações em torno de bandeiras nacionalistas e de combate à pobreza, não raro gerando guerras de independência seguidas por guerras civis sangrentas. Povos subdesenvolvidos ousavam enfrentar grandes potências, para criar uma sonhada nova ordem internacional. As esperanças de libertação nacional que animaram África e Ásia repercutiram no mundo avançado, especialmente entre os jovens estudantes. Correntes de solidariedade e apoio aos militantes dos movimentos de libertação nacional formaram-se nos Estados Unidos e na Europa. Particularmente, os casos de Cuba e Vietnã empolgaram centenas de milhares de jovens em todo o mundo.

Em 1959, o triunfo da Revolução Cubana trouxe para a América o regime socialista, num país que fora, entre 1898 e os anos 1950, verdadeiro “quintal” dos Estados Unidos, submetido a governos violentos, corruptos, nepotistas e ganguesteristas. A Revolução Cubana

produziu dois ícones políticos destacados: Fidel Castro e Che Guevara. Este último se impôs a missão de espalhar a revolução pela América Latina, acreditando que os camponeses poderiam ser mobilizados para participarem de insurreições que criariam as condições da mudança política. Guevara pensava que a ação de grupos móveis de guerrilheiros nas áreas rurais seria suficiente para difundir e estender a luta revolucionária. Acreditando que o campo lideraria a cidade, Che Guevara terminou morto pelo Exército da Bolívia, no povoado de Higuera, em 8 de outubro de 1967. Logo ele se transformou num ícone de massa, símbolo por excelência do “rebelde”, do homem sem país, do autossacrifício – o rosto de Che Guevara ressurgiu em bandeiras e cartazes, no meio das manifestações de jovens nas metrópoles mundo afora. O Comandante Fidel Castro imediatamente vislumbrou a forte identificação da juventude com a figura de Che:

Nos próprios Estados Unidos o movimento negro e os estudantes progressistas, que são cada vez mais numerosos, convertem em algo seu a figura de Che. Nas manifestações mais combativas pelos direitos civis e contra a agressão ao Vietnã, seus retratos são esgrimidos como emblemas de luta. Poucas vezes na História, ou talvez nunca, uma figura, um homem, um exemplo, se universalizaram com tal celeridade e apaixonante força. É que Che encarna em sua forma mais pura e desinteressada o espírito internacionalista que caracteriza o mundo de hoje e cada vez mais o mundo de amanhã.⁴

A Guerra do Vietnã foi importante cavalo de batalha da juventude rebelde dos anos 1960, do Brasil ao Japão, da Tchecoslováquia ao México, da França aos Estados Unidos. A resistência dos vietnamitas diante da poderosa máquina militar americana mostrava que era possível oferecer resposta ao imperialismo, proeza que despertou insuspeitado espírito de solidariedade internacional. Ho Chi Min, líder do Vietnã do Norte e verdadeiro comandante da guerrilha Vietcong, adquiriu prestígio e popularidade entre os jovens rebeldes. Os protestos

⁴ Trecho da longa introdução escrita por Fidel para a publicação, em 1968, do diário de Che Guevara, contendo o dia-a-dia de sua luta na Bolívia.

contra a guerra, que aumentaram continuamente de intensidade após 1963 – ano do envolvimento militar direto dos Estados Unidos no sudeste asiático –, geraram ondas de indignação, manifestações em diversas cidades e conflitos com a polícia. Nos Estados Unidos, a oposição à guerra foi elemento central na articulação dos movimentos sociais: estudantil, negro, feminino, *hippie*. Fato que se expressa na força e abrangência do lema que mais marcou os agitados anos 60: “Faça amor, não faça a guerra”. E nas fotografias de jovens manifestantes oferecendo flores para soldados com armas em riste.

Até a Revolução Cultural chinesa, a partir de 1966, foi percebida por jovens da Europa mais do que dos Estados Unidos como outro sinal de que era possível moldar um novo mundo, porque ela parecia ser uma resposta criativa de Mao Tse-Tung ao burocratismo de inspiração soviética. Muitos pensaram que a *revolução cultural proletária* operaria uma politização radical da vida social chinesa, capaz de revolucionar hábitos, costumes, modos de agir e de pensar tradicionais, democratizando desde as mais banais relações familiares e de trabalho até as estruturas do ensino. Essa esperança, presente no filme *A Chinesa*, de Jean-Luc Godard (1967), também fez de Mao uma figura de prestígio entre os jovens radicais dos anos 1960; contudo, ela desaparecia nas décadas seguintes, quando se revelou o lado trágico da Revolução Cultural.

Com o avanço nos anos 1950 e 1960 do *way of life* industrializado, a insatisfação com os métodos das burocracias governamentais e partidárias, a escalada histórica da Guerra Fria, a rigidez do moralismo (nas famílias, nas escolas, nas igrejas, nas empresas) e a persistência das desigualdades sociais, discriminações e segregações no interior dos países, as sociedades industriais estavam divididas. As instituições já não davam conta de representar a diversidade dos atores, conflitos e contradições presentes nas sociedades estabelecidas. Nesse contexto, sob o impacto das esperanças geradas pelas lutas de libertação nacional no Terceiro Mundo e do

inconformismo dos escritores da *beat generation*⁵, surgiram ondas de protesto e movimentos comandados pela juventude, cuja radicalidade política combinava formas inusitadas de ação, resistência pacifista, desobediência civil, liberdade comportamental e valorização da problemática pessoal. Novos símbolos e formas culturais tomaram corpo, caracterizados pelo vigor e eficiência da negação da sisudez ocidental. As palavras de ordem da juventude rebelde dos anos 1960 revelaram a contundência dessa negação da “realidade adulta”, que se desejava substituir por uma realidade alternativa. Mais uma vez, para melhor apreender a natureza da insatisfação dos jovens no período, convém recordar *slogans* formulados pelos estudantes rebeldes de Maio de 68: “Abrir as portas dos asilos, das prisões e outros liceus”; “Acho que meus desejos são realidade porque acredito na realidade de meus desejos”; “Sejamos realistas, peçamos o impossível”.

Na direção do que havia proposto Allen Ginsberg, os jovens radicais dos anos 1960 buscaram o “desengajamento em massa” da civilização industrial e um novo estabelecimento em meio à cidade. Em termos mais abrangentes, eles desejaram retomar o espaço social e colocar “a imaginação no poder”.

“A felicidade é uma idéia nova na Escola de Ciência Política”

A contestação juvenil radical na virada dos anos 1950 para os anos 1960 assumiu formas bastante variadas, de acordo com as características de cada país – sua trajetória histórica, estrutura de classes, problemas econômicos e sociais, cultura política etc. Entretanto, tanto nos países centrais quanto nos países periféricos onde ocorreram as revoltas dos jovens observaram-se traços comuns salientes: espontaneísmo das manifestações, pluralismo dos atores e descentralização das iniciativas, diversidade e criatividade das ações

⁵ Allen Ginsberg, Jack Kerouac e William S. Burroughs, os principais nomes *beatniks*, foram escritores que encarnaram, de modo especialmente vigoroso, a rebeldia marginalizada dos anos 1950 nos Estados Unidos.

empreendidas pelos grupos contestadores. Havia desde jovens politicamente motivados até outros que estavam mais interessados em isolarem-se do mundo, vivendo em comunidades *underground*. Anticapitalistas no Ocidente, reformistas do socialismo no Leste Europeu. Uns foram considerados “politicizados”, outros vistos como “alienados”. Os jovens negros do Movimento por Direitos Civis nos Estados Unidos e os grupos de estudantes franceses leninistas, trotskistas, maoístas, anarquistas e “situacionistas” foram bastante politicizados.⁶ Já os *hippies* levaram a fama maior de alienados. Em determinadas ocasiões, os rebeldes preferiram a manifestação pacífica; em outras, partiram para o motim e a violenta confrontação com as autoridades.

O que deve ser ressaltado é o fato dos movimentos negro, feminino, estudantil e *hippie* compartilharem a opção pela ação direta e exemplar, recusando a tutela de sindicatos e partidos políticos e afrontando as autoridades constituídas. Mais do que isso: eles foram para a rua dispostos a reconquistar as cidades, a ressignificá-las por meio da colocação da “poesia na rua” e da “insurreição pelos signos” – daí a presença exuberante da música, dos cartazes, das roupas coloridas, dos grafismos etc. nas manifestações, que se tornaram verdadeiros *happenings*. Outro traço comum saliente dos movimentos de protesto dos anos 1960 foi o seu motor existencial, a exigência ética, a paixão moral, que tornava imperativa a luta pela transformação dos valores e comportamentos. Consequentemente, o cotidiano foi trazido para o terreno do debate e da ação, à maneira de microcosmo da revolução. Assim, compreende-se a mensagem escrita num cartaz afixado na Sorbonne em Maio de 68: “Os que falam de revolução e de

⁶ Autores de muitas das pichações mais criativas de Maio de 68, os “situacionistas” eram herdeiros e dissidentes do surrealismo, propunham a fusão entre a política e a arte, a autogestão e a revolução integral na vida cotidiana. Para eles, as regras supremas eram: gozar a vida e promover a revolução proletária como uma festa. Guy Debord, autor de *A sociedade do espetáculo* (1967), e Raoul Vaneigem, autor de *Tratado de saber-viver para o uso das novas gerações* (1967), foram “situacionistas” influentes sobre os estudantes rebeldes de fins dos anos 1960.

luta de classe sem se referir explicitamente à vida cotidiana, sem compreender o que há de subversivo no amor e positivo na recusa às proibições, têm na boca um cadáver”.

O Movimento por Direitos Civis, no decorrer dos anos 1950 e 1960, foi o maior movimento social da história dos Estados Unidos, influenciando mobilizações similares entre mulheres, homossexuais, indígenas e outras minorias. Os ativistas negros, apoiados por aliados brancos (principalmente estudantes), exploraram a imagem democrática que o governo norte-americano procurava projetar e deram novo sentido para a palavra “liberdade”. Para os militantes negros, liberdade também queria dizer igualdade e reconhecimento de direitos e oportunidades. Os protestos ganharam volume e intensidade, envolvendo a realização de marchas, comícios, atos de desobediência e de boicote a restrições racistas e mesmo motins urbanos. Já nos anos 1950 despontou a figura de Martin Luther King Jr., pastor originário da Geórgia, como líder do Movimento pelos Direitos Civis. Em 1954, a Suprema Corte americana proibiu a segregação em escolas públicas. No ano seguinte, boicotes contra a segregação nos ônibus no Alabama ficaram célebres. Martin Luther King imprimiu ao movimento uma direção moderada, baseada na desobediência civil não-violenta e num discurso que combinava moral religiosa, liberdade política e justiça social bíblica. No início dos anos 1960, manifestações estudantis contra a segregação em restaurantes, cinemas e rodoviárias ganharam força. Ao mesmo tempo, os estudantes brancos começaram a realizar viagens para o Sul (as *Freedom Riders*), com o objetivo de conviver com comunidades negras, prestar-lhes auxílio social, ajudar os negros a tirarem título eleitoral e realizar as célebres *sit-ins* (“ocupações”) em locais públicos onde a segregação era institucionalizada. A cultura de protesto espalhou pelo país, usando canções, comícios e outras práticas de solidariedade. Então, o *folk* de protesto de Bob Dylan, Joan Baez e Pete Seeger adquiriu enorme popularidade.

Em 1963, Martin Luther King ficou à frente da Marcha pelo Trabalho e Liberdade, em Washington, que reuniu cerca de 250 mil

peessoas. Nessa ocasião, ele pronunciou o famoso discurso “Eu tenho um sonho”. Entre 1964 e 1967, o governo de Lyndon Johnson aprovou diversas leis proibindo a discriminação no emprego, serviço público e nas eleições, bem como lançou programas sociais e de “ação afirmativa”. Todavia, as frustrações com a lentidão e o alcance real das medidas aprovadas, somadas às reações duras dos brancos racistas e às condições de marginalização econômica e social dos negros, levaram muitos jovens a se afastarem da liderança de Luther King. Muitos negros abraçaram o *Black Muslim* (Islã Negro), movimento político e religioso que denunciava a exploração econômica e a política externa americana, e pregava a auto-ajuda e separatismo. Surgiu, então, o nome de Malcolm X, de popularidade meteórica entre os jovens negros, defendendo a valorização das tradições afro-americanas (o “nacionalismo negro”), a autodefesa contra a violência racista, o apoio a movimentos revolucionários no Terceiro Mundo e, no que se refere à Guerra do Vietnã, o não alistamento e a deserção dos jovens. Malcolm X terminou assassinado em 1965. Em julho de 1967, negros desencadearam motins raciais nas ruas de Chicago, Nova York (Brooklyn), Cleveland, Baltimore e Detroit (onde houve 43 mortes). O próprio Luther King também radicalizou seu discurso, sendo assassinado em Memphis (1968). Nesse contexto, surgiu o *Black Power*, movimento negro alternativo e radical, cuja expressão mais destacada foi o *Partido dos Panteras Negras*, liderado por Bobby Seale e Stokely Carmichael.⁷ Fundado em 1968 por universitários da Califórnia, o grupo, com grande apelo nos bairros negros das grandes cidades americanas, pregava a luta militante contra o racismo, a guerra, a exploração e a opressão social, a autodefesa armada, o engajamento em serviços sociais para comunidades negras e o “nacionalismo cultural”. Esse “nacionalismo cultural”, que implicava numa propaganda agressiva dos Panteras Negras e na “política de orgulho negro”, levou

⁷ Em 1967, Carmichael fez um discurso em Havana (Cuba) no qual inseriu as reivindicações afro-americanas nas lutas para “mudar as estruturas imperialistas, capitalistas e racistas dos Estados Unidos”.

muitos militantes a mudarem de nome e propor cursos de estudos africanos e afro-americanos nas universidades. O *slogan* dos Panteras Negras – *burn, baby, burn* (“queime, criança, queime”) – evidencia que seus integrantes não seriam facilmente cooptados pelo *Sistema*, pois eles queriam afirmar o poder negro contra a sociedade excludente dos brancos. Por isso, entre 1969 e 1971, a organização foi esmagada brutalmente pelo FBI, inclusive com o assassinato de muitos dos seus líderes.

No espaço universitário, os anos 60 foram marcados pela ascensão do movimento de contestação dos estudantes, espontâneo e politizado, independente em relação às máquinas partidárias e sindicais existentes. Nos Estados Unidos, a rebeldia estudantil esteve associada ao surgimento da *Nova Esquerda*, inspirando-se na luta dos negros pelos direitos civis. Dezenas de milhares de universitários filiaram-se ao SDS (*Student for a Democratic Society*), a mais importante organização política estudantil da *Nova Esquerda*, liderada pelo jovem Paul Booth. O SDS exigia o arejamento geral da universidade, desejava uma nova sociedade (sem recusar os princípios humanistas clássicos) e era pacifista – o *slogan* do SDS era *Build, not burn* (“Construa, não queime”). Sua militância era aberta e eminentemente anti-sectária. O SDS não tinha ideologia, sendo movido por uma filosofia existencial. O movimento criticava as ideias elitistas, rejeitava valores centrais do capitalismo e a paranoia da Guerra Fria e lutava contra a hipocrisia e a alienação da sociedade americana e por maior liberdade na vida cotidiana. As formas de ação dos militantes do SDS incluíram grandes mobilizações em *campi* universitários, campanhas nacionais contra a Guerra do Vietnã e o recrutamento militar obrigatório, ocupações de faculdades, realização de *teach-ins* (“seminários educativos” sobre a guerra) e de trabalhos em comunidades pobres. Em 1964, na Universidade de Berkeley, os estudantes realizaram o *Free Speech Movement* (Movimento pela Liberdade de Expressão).⁸ Em março de

⁸ Os estudantes decidiram divulgar panfletos que criticavam principalmente a escalada do envolvimento americano no Vietnã. A Reitoria proibiu a

1965, estudantes da Universidade de Michigan fizeram a primeira ação com o objetivo de mostrar que a Guerra do Vietnã era imoral e que os Estados Unidos deviam abandoná-la. No ano seguinte, estourou uma grande revolta na Universidade Colúmbia e violentos distúrbios na Califórnia. Em agosto de 1968, na Convenção do Partido Democrata, ocorrida em Chicago, militantes do SDS e dos movimentos negro e *hippie* fizeram violentos protestos e entraram em choque com a polícia durante três dias, sob ampla cobertura da televisão. Os confrontos resultaram em muitos feridos e mortes, bem como nos chamados Processos de Chicago. Pessoas como Bobby Seale (*Panteras Negras*), Tom Hayden (SDS), Jerry Rubin e Abbie Hoffman (YIP) foram indiciados sob a acusação de conspiração. Em maio de 1970, graves incidentes ocorreram nas Universidades de Kent e Jackson State: a Guarda Nacional disparou contra os manifestantes, matando quatro estudantes; dez dias depois, em Jackson State, a polícia matou mais dois jovens durante manifestações estudantis. O movimento estudantil começava, então, a refluir sob o peso de intensa repressão das autoridades.⁹

Em 1967, dentro do movimento estudantil norte-americano, surgiu o *Youth International Party* (Partido Internacional da Juventude), cujos integrantes ficaram conhecidos como *yippies*. Liderados por Jerry Rubin, eles estavam mais dispostos à ação no terreno da política tradicional e se definiram como movimento revolucionário e religioso, influenciado pela filosofia *hippie*. Eles lutaram contra a guerra, quiseram paz e amor e a legalização da maconha. Uma de suas reivindicações era a extensão do direito de voto para maiores de doze anos e a proibição de que “velhos” com mais de cinqüenta anos votassem. Rubin pensava que a revolução seria uma transformação pessoal em que se deve encontrar Deus e mudar a sua própria vida.

distribuição do material de protesto fora dos portões da universidade. Perante a recusa dos estudantes, a polícia foi chamada e, em seguida, estudantes foram processados. Isto desencadeou a ocupação do edifício da Reitoria.

⁹ Em abril de 1970, o Governador da Califórnia, Ronald Reagan, referindo-se aos protestos estudantis, afirmou: “Se for necessário um banho de sangue, vamos a isso”.

Rubin liderou protestos surpreendentes: alguns nos quais se queimou dinheiro em público, outros em que os manifestantes tiraram as roupas diante dos trens que conduziam tropas para o Vietnã. Rubin candidatou-se ao cargo de prefeito em Berkeley, mas foi derrotado. Certa vez, ele apareceu para depor em Washington fantasiado de guerrilheiro, segurando uma metralhadora de brinquedo e uma bandeira *vietcong*. Ele soube utilizar a televisão como uma aliada. Num manifesto publicado pela revista *Evergreen*, Rubin escreveu:

Nossos pais trabalharam o ano inteiro para ter duas semanas de férias. Estamos de férias toda vida! Não nos seduzimos pelo cristianismo, pela idéia de que as pessoas vão para o céu depois de mortas. Queremos o céu agora! (...) Nosso cabelo comprido comunica desrespeito pela América. Uma sociedade racista, de cabelo curto, é incomodada pelo cabelo comprido. Ele cega as pessoas. No Vietnã, os americanos bombardeiam os vietnamitas, mas não podem vê-los porque eles são escuros. Cabelo comprido é vital para nós porque permite que a gente se reconheça. Temos pele branca como nossos opressores. O cabelo comprido nos une numa comunidade de oposição visível. (...) Ou você está do lado da polícia ou do lado dos seres humanos.

Na Europa, Japão, México e Brasil, revoltas de secundaristas e universitários também ocorreram no ano de 1968. Na Alemanha, França e Japão, os jovens estudantes enfrentaram a prepotência das autoridades, dos valores conservadores, da burocracia e do militarismo. Na Tchecoslováquia, os rebeldes da célebre *Primavera de Praga* lutaram para reformar o socialismo e impedir a satelitização do país pela União Soviética. No Japão, os estudantes não se conformaram com a forte presença americana, com suas bases militares e armas atômicas, bem como com a submissão do governo japonês no campo da política externa. Na América Latina, os jovens resistiram às ditaduras apoiadas pelos Estados Unidos (caso do Brasil) ou para evitar que o autoritarismo

prosperasse em seus países (caso do México). Na França, o movimento estudantil – espaço inventivo e não institucionalizado de ação – paralisou o país em maio-junho de 1968. Em 22 de março, os estudantes ocuparam a Universidade de Nanterre, nos arredores de Paris. Protestavam contra a prisão de colegas militantes contra a Guerra do Vietnã. Nesse episódio, destacou-se Daniel Cohn-Bendit, que se tornaria símbolo do movimento estudantil francês. No dia 10 de maio, quinze mil estudantes entraram em choque violento com a polícia nas ruas do Quartier Latin, o bairro parisiense que abriga a Sorbonne. Até o dia 13, em todo o país os estudantes ocuparam faculdades, fizeram passeatas e enfrentaram a polícia. No dia 13, o governo liberou a Sorbonne e o Quartier Latin, imediatamente tomados pelos estudantes. Eles levantaram barricadas e formaram uma *comuna estudantil* no bairro. No mesmo dia, os operários ligados às duas principais centrais sindicais do país declararam uma greve de 24 horas em solidariedade aos estudantes. Manifestações gigantescas de estudantes e trabalhadores multiplicaram-se nos dias seguintes, bem como greves e ocupações espontâneas de fábricas. Em 20 de maio, 10 milhões de operários pararam e também todo o sistema universitário. Jean-Paul Sartre declarou que o movimento estudantil estaria preparando a verdadeira via para o socialismo e a liberdade.

As greves (estudantil e operária) provocaram uma crise geral de autoridade na França. O presidente De Gaulle iniciou negociações secretas com o Partido Comunista, com os patrões e com os sindicatos, cuidando de assegurar o apoio dos generais. No dia 30 de maio, o presidente dissolveu o Parlamento, convocou eleições gerais, fez concessões trabalhistas, mandou a polícia recuperar fábricas, repartições públicas e escolas, proibiu manifestações e prendeu militantes. Nas eleições, a direita francesa venceu e o *Mai de 68* refluíu rapidamente, a partir de julho. Contudo, as imagens libertárias das *comunas estudantis* correram o mundo.

Nas universidades francesas ocupadas por estudantes e trabalhadores, nenhum líder ou corrente política – havia grupos

trotskistas, maoístas e anarquistas no meio estudantil – assumiu a direção do movimento. Bandeiras vermelhas (marxistas) e pretas (anarquistas) tremularam nas ruas e barricadas. Frases libertárias foram pichadas nos muros. Nas barricadas, em clima de festa, os manifestantes abraçavam-se e beijavam-se em público. Na *comuna estudantil*, apoiada pelas pessoas dos bairros universitários, ocorreram seminários, ruptura de hierarquia, livre crítica às relações professores-alunos, à sexualidade vigente e à gestão das Faculdades. Todos se empenharam em uma pesquisa-diálogo, diagnosticando os problemas da universidade e da sociedade. Os espaços delimitados pelas barricadas tornaram-se pistas de dança, lugares de risos, cantos e heroísmos, palcos para jogos do amor e negação do *esprit de serieux*. Música e festa embalaram a tarefa primordial da *comuna estudantil*, que Cohn-Bendit definiu objetivamente: “abrir uma brecha” no *Sistema*. A rebelião estudantil transformou Paris por alguns dias: as ruas retomaram sua função de passeio e de fórum, abrigando simultaneamente a transgressão e a criatividade. Em Censier, surgiu o grafite: “Já dez dias de felicidade”. Durou pouco, é verdade, mas a revolução foi experimentada sob a égide das palavras festa e felicidade.

Inegavelmente o *hippismo* foi o movimento da juventude rebelde dos anos 1960 que mais chamou a atenção dos meios de comunicação e escandalizou os conservadores de direita e de esquerda. O estilo dos *hippies* virou marca reconhecida no mundo todo: uso de roupas coloridas, calças jeans, túnicas, sandálias, barbas e cabelos compridos, nos quais sempre havia presa uma flor – como pedia um verso de canção famosa da época: “Se você vem a São Francisco, não te esqueças de usar algumas flores no teu cabelo”. Ronald Reagan, governador da Califórnia na virada dos anos 1960 para os anos 1970, referiu-se ao *hippie* como “um tipo com o cabelo de Tarzan, que caminha como Jane e que fede como Chita”. Definição que escancara o ódio e o temor que o *flower power* gerou entre ortodoxos de todos os naipes.

A cultura *hippie* obteve a adesão de milhões de jovens nos Estados Unidos, Europa e países em vias de industrialização no

Terceiro Mundo, gerando influências a partir de alguns poucos centros. Nos Estados Unidos, as cidades de São Francisco (área de Haight-Ashbury), Los Angeles (Sunset Boulevard), Chicago (Old Town) e Nova York (East Village) transformaram-se em mecas do *hippismo*. As universidades de Berkeley e de Colúmbia tiveram marcante presença de *hippies* e também foram palcos de importantes manifestações da contracultura. Na Europa, Amsterdã destacou-se como centro do movimento, assim como Londres (área de Chelsea). Em Paris, os jovens ligados à contracultura reuniam-se em Montparnasse. Lugares com traços de “exotismo” converteram-se em pontos de peregrinação para os *hippies*, caso de Katmandu (Nepal), Goa (Índia), Marrakesh (Marrocos) e Cuzco (Peru). E duas mil comunas rurais espalharam-se pelo território estadunidense. No início de 1971, houve quem estimasse que os integrantes das comunidades *hippies* norte-americanas beiravam dois milhões de pessoas. Essas comunidades exibiam imensa variedade de tipos. Havia aquelas onde não se fazia nada e só se tomavam drogas. Havia outras onde se passava o tempo a orar, meditar e jejuar. Havia comunidades onde se cultivava a terra. Havia ainda comunidades onde os *hippies* compartilhavam a vida com os índios.

No âmbito dessa variedade de tipos de comunidades *hippies*, quais foram os elementos culturais compartilhados, capazes de conferir ao movimento uma identidade? A resposta para essa pergunta foi esboçada por Edgar Morin, na obra *Journal de Californie*, diário da viagem que ele realizou pela costa oeste dos Estados Unidos entre setembro de 1969 e junho de 1970. O pensador francês viu nas comunidades jovens *underground* uma combinação de *hippismo* e marxismo, um neotribalismo pacifista, naturalista. Morin escreveu:

[O *hippismo* é] um movimento fervilhante, sem forma e de mil formas, que passa do psicodélico ao político, do sexual ao místico, que se procura na revolução quer social quer individual (ou ao mesmo tempo em uma e outra). Há qualquer coisa em movimento, em procura, de cândido, de intuitivo, confundindo

materialismo e misticismo, hedonismo e ascetismo, que me toca e interessa muito.¹⁰

Os *hippies* adotaram um novo programa de vida, antipuritano, hedonista e tendendo à indiferença. A transmutação de valores que eles preconizavam foi sintetizada pelos *mass media*, com indisfarçável má vontade, na base da tríade: sexo, drogas e *rock'n'roll*. Na cultura do *hippismo* havia a mescla de elementos diversos: a liberdade dionisiaca, a imaginação e a prioridade concedida à experiência sensorial direta, o desejo de lançar-se no mundo e na vida, o misticismo e o orientalismo, o gosto pelas viagens, a atitude pacifista, a busca da convivência comunal. A inclinação pelo nomadismo encontrou nos célebres *Merry Pranksters*, grupo liderado pelo escritor Ken Kesey e que percorria os Estados Unidos em meados dos anos 1960, sua face mais explícita e radical. A cultura *hippie* impulsionou o crescimento das “ciências ocultas” nos Estados Unidos, uma vez que ela comportava uma salada mística, um misticismo religioso extremado. Misticismo que combinava princípios e símbolos religiosos de diversas origens e valorizava êxtases delirantes. Na religiosidade dos *hippies* entravam Índia, Tibete e Caribe: zen-budismo, yoga, meditação, vodu. E também parapsicologia, astrologia, bolas de cristal e viagens astrais, embaladas por muita maconha e LSD e curtidas ao som de música e declamações de trechos do *Livro Tibetano dos Mortos*. Uma espiritualidade vista pelos conservadores como anárquica, fora do controle de qualquer tipo convencional de igreja, embora fabricasse numerosos gurus.

Os princípios da cultura *hippie*, fundadores de um modo de vida específico e difícil de ser seguido fielmente, assentavam-se em três atitudes nomeadas por Timothy Leary,¹¹ um dos gurus do movimento: *Drop out* (“cair fora”): recusar o estilo de vida tradicional, sair do seio

¹⁰ MORIN, Edgar. *Journal de Californie*. Paris: Seuil, 1970.

¹¹ Conhecido como *Papa Psicodélico*, Timothy Leary foi professor de psicologia expulso da Universidade Harvard por distribuir drogas para estudantes. Leary viajou para o México, entrou em contato com os *hippies* na Califórnia e, ao regressar a Nova York, fundou clínica e revista dedicadas a estudar o efeito de alucinógenos sobre a consciência, como meio de construir novas relações entre corpo, mente e espírito.

familiar, desistir de carreira profissional estável ou de emprego rotineiro, negar participação na guerra; *Tune in* (“sintonizar”): aderir ao estilo e filosofia de vida *hippie*; *Turn on* (“ligar”): tomar drogas, “ligando a mente” a uma dimensão de maior liberdade. A dinâmica do *hippismo*, portanto, foi a de empurrar jovens rebeldes da cidade para o campo, da família nuclear para a vida em comunidade, do racionalismo cientificista para o misticismo e o *psicodelismo* das drogas. No caso da utilização das drogas alucinógenas, os *hippies* buscavam uma nova forma de aproximação do real, as recompensas do “deixar-se caotizar”, expandir ou alargar a consciência.¹² Eles tomavam ácido para resolver seus problemas pessoais, melhorar suas relações com os outros, curar as neuroses decorrentes da repressão imposta pela sociedade estabelecida. A atmosfera opressiva da época, a busca da liberdade de espírito e os efeitos das “viagens” de drogas são temas que encontram ressonância na música *Mr. Tambourine Man*, que Bob Dylan cantou no Newport Folk Festival (1963):

Ei, mister do pandeiro, toque para mim!/ Não estou com sono e não tenho onde ir/ Ei, Jackson do Pandeiro, toque para mim!/ E entre as canções desta manhã/ Eu poderei te seguir// Sei que, à noite, seus impérios/ Desmoronam sobre o chão/ Ao toque das minhas mãos/ Eu só enxergo na manhã/ Um sol de assassinar// O cansaço me atordoa/ Enquanto eu ando para o além/ Procurando por ninguém/ Em velhas ruas, já desertas/ Sem poder sonhar// Me leve nas viagens/ Do seu mágico navio/ Eu já cansei deste vazio/ As minhas mãos tremem de frio/ Mas os meus pés, que o chão feriu/ Ainda têm forças pra seguir/ O teu

¹² O LSD (distilamida de ácido lisérgico) foi sintetizado pelo Dr. Albert Hoffman nos Laboratórios Sandoz, na Suíça, em maio de 1965. Poderoso alucinógeno, o LSD libera o inconsciente, amplia a área de consciência e modifica a recepção dos estímulos sensoriais pelo cérebro. Rapidamente transformou-se em moda. Em Nova York, o poeta Allen Ginsberg liderou movimento que reivindicava a liberação do LSD e da maconha. Calcula-se que, na época, de 20 a 30% dos universitários americanos tomavam LSD regularmente. Os Beatles revelaram que experimentaram a droga na faixa *Lucy in the Sky with Diamonds* do LP *Sargent Pepper's Lonely Hearts Club Band* (1967).

caminho// (...) Vou sumir entre a névoa/ De um delírio enfumaçado/ Vou para um mar de vendavais/ Longe das garras da tristeza e da aurora// Sob um céu de diamantes/ Vou dançar como um menino/ Entre o oceano cristalino/ E um circo errante e peregrino/ Deixo as memórias e o destino/ Sumir num abismo sem fim/ Quero, amanhã, lembrar que hoje/ Eu fui embora.¹³

Para muitos artistas imersos no movimento da contracultura, o uso de drogas significava também a potencialização da criatividade e a exploração, às vezes desesperada, dos limites de seu tempo. Isto certamente vale para Jimmy Hendrix e Janis Joplin, que fizeram aparição explosiva no Festival de Monterrey (Califórnia, 1967). Em 1970, num espaço de quinze dias, ambos morreram por overdose. A curta vida desses dois grandes nomes da música *pop* dos anos 1960 retrata o sentido de urgência diante do momento presente que dominava os jovens rebeldes daquela década, a valorização do “aqui e agora”. Esta é a mensagem que transmite a declaração de Janis Joplin à revista *Esquire*, em uma entrevista concedida em 1968: “Talvez eu não dure muito tempo, mas, se eu me controlo, não vou servir para nada, agora”.

Droga e liberdade de espírito, droga e acesso ao mundo interior do indivíduo, a experiência extraordinária das “viagens” de drogas: nada disso era novidade. Mas foi retomado, especialmente pelos *hippies*, como meio para realçar a instantaneidade, o prazer, a compreensão da vida como jogo incessante, avesso à racionalização, e que demandava contínuo poder de criação. O *hippismo* – visto como movimento cultural que é “uma celebração da vida, uma carta de amor à liberdade e um apaixonado grito por esperança e mudança” – teve no musical *Hair*, que estreou na Broadway em outubro de 1967, a apresentação sintética e

¹³ Esta é a bela versão, ou melhor, transcrição da letra de Bob Dylan feita por Zé Ramalho em 2009. Por isso a referência a Jackson do Pandeiro, antigo músico brasileiro.

eloquente de seu pensamento e de sua prática.¹⁴ Uma das canções do musical, *Aquarius*, tornou-se uma espécie de hino do movimento. Sua letra diz:

Quando a Lua estiver na sétima casa/ E Júpiter alinhar-se com Marte/ Então a Paz guiará os planetas/ E o Amor dirigirá as estrelas// Este é o começo da Era de Aquário/ A Era de Aquário/ Aquário!/ Aquário!// Harmonia e compreensão/ Simpatia e confiança abundarão/ Nada mais de falsidades ou escárnios/ Sonhos vivos enriquecendo as visões/ Revelação de cristal místico/ E a verdadeira liberação da mente/ Aquário!/ Aquário!// (...) Deixa o brilho do sol/ Deixa o brilho do sol entrar/ o poder do brilho do sol.

A canção carrega os valores e as esperanças dos *hippies*. A letra é repleta de referências ao misticismo e à astrologia, ao binômio “paz e amor”, ao pacifismo, à força dos sonhos e à liberação da mente, a novo tipo de poder e novas relações sociais, num mundo livre de hierarquias, discriminações e animosidades. Teria sido esta canção apenas uma exortação juvenil e inócua para uma nova utopia? Os *hippies* mostraram que havia razões de ordem existencial para o protesto e inspiraram a união de todas as correntes de opinião pacifista na resistência contra a Guerra do Vietnã. O que não é pouca coisa.

Amálgama de idéias e práticas movediças, provisórias, seguindo mais ou menos na mesma direção sob a influência dos ventos de uma revolução cultural, os *hippies* dos anos 1960 queriam a *eutopia*, o lugar do bem-estar real, “aqui e agora”, o lugar onde viver como se quer, em

¹⁴ O musical foi escrito por James Rado, Gerome Ragni e Galt MacDermot. Na Broadway teve quase duas mil apresentações e houve montagens em Los Angeles, Londres, Sidney e México. Na excursão pelos Estados Unidos, os produtores de *Hair* sofreram ações por práticas obscenas e desrespeito à bandeira americana, discussão que chegou até a Suprema Corte. Na Inglaterra também houve problemas com a censura. No México, o governo proibiu o musical logo após a primeira apresentação e ameaçou os atores com a prisão. O álbum com as canções de *Hair* ganhou o prêmio Grammy de 1969. Dez anos depois, o diretor Milos Forman levou o musical para o cinema.

harmonia consigo mesmo. *Paradise Now*. As comunas *hippies*, urbanas ou rurais, não eram utopias, eram eutopias. Provisórias, flutuantes, movediças, cercadas pela hostilidade da sociedade estabelecida e ao alcance das estratégias de cooptação pelo *Establishment* e de assimilação pelo mercado. Nessas comunas havia a simplicidade voluntária, sinal da recusa ao consumismo, o amor livre que expressava a adesão à revolução sexual, a ênfase na autogestão, o uso de drogas para se obter estados alterados de consciência, a preocupação com produtos orgânicos e com o meio ambiente.¹⁵ Nas comunas *hippies* podia-se partilhar de tudo, desde a comida até os companheiros. A organização econômica era comunal, fugia da máquina para assentar-se sobre o próprio trabalho, quase sempre manual. A produção das comunas era vendida em feiras criadas pelos próprios grupos de *hippies*. Essas características levaram muitos estudiosos do fenômeno a realçar a tendência desses agrupamentos ao “socialismo libertário” e ao “ecologismo”.

A *eutopia* dos *hippies* também se concretizou, ao menos por algumas horas ou dias, nas ações de protesto e nos Festivais, mesclas de espetáculos e conagraçamentos protagonizados por jovens cabeludos, vestidos com roupas coloridas. As passeatas e manifestações *hippies*, dirigidas principalmente contra a Guerra do Vietnã, chamaram a atenção pelo radicalismo bem-humorado, pelo hábito de distribuir flores para as pessoas em volta, com um sorriso nos lábios. Ao invés de longos e sisudos discursos, eles preferiram a dança e a música: o lúdico era parte integrante da visão de mundo e das ações do *hippismo*. O casamento entre Arte e Política também. Exemplos divertidos de ações *hippies* ocorreram em dezembro de 1966 (10 mil pessoas no “Passeio Amor, Paz e Liberdade”, em Nova York), em maio (“Dia do Poder da Flor”, em Nova York) e julho de 1967 (o “Verão do Amor”, em São

¹⁵ Na comuna urbana de Haight-Ashbury, formada por milhares de jovens de todo o território americano, havia teatro de rua espontâneo, concertos livres de música, *happenings* de arte e lojas francas, que distribuíam comida e medicamentos gratuitamente. As roupas coloridas, com desenhos psicodélicos, eram fabricadas localmente ou compradas de segunda mão. Os apartamentos eram divididos por vários jovens que cooperavam uns com os outros.

Francisco). Em outubro do mesmo ano eles organizaram um ato que raiava o absurdo: o cerco ao Pentágono, reunindo 35 mil manifestantes que tentaram fazer o prédio imenso levitar com o poder de pensamentos exorcistas. Também em 1967, o *hippismo* chegou a proclamar sua vitória – em São Francisco, cidade berço do movimento, manifestantes carregaram um caixão pelas ruas e depois o queimaram, enquanto gritavam a uma só voz: “Os *hippies* morreram! Vivam os homens livres!” Em 1968, no melhor estilo *hippie*, John Lennon e Yoko Ono casaram-se em Gibraltar e seguiram para Amsterdã para uma semana de *lie-in* (“deitados numa cama”) em prol da paz mundial. No ano seguinte, os *hippies* foram o grupo mais entusiasmado na maior manifestação anti-guerra dos Estados Unidos – 500 mil pessoas marcharam pela paz em Washington e assistiram discursos e *shows*. Os Festivais – grandes concertos de *rock* – representaram, indiscutivelmente, momentos de imersão de centenas de milhares de jovens, nos Estados Unidos e na Europa, no espírito do *hippismo*. Os festivais mais destacados foram os de Monterrey (1967), Woodstock, Altamont e da Ilha Wight (Inglaterra, 1968), todos realizados no ano de 1969. Woodstock reuniu, num descampado próximo a Nova York, mais de 450 mil pessoas que tiveram quatro dias de “mentes abertas”, amor livre e uso livre de drogas. O festival transcorreu em clima de alegria e tranqüilidade, sem incidentes entre a plateia.¹⁶ Mas provocou engarrafamentos de trânsito gigantescos, levando as autoridades a declararem estado de emergência. Esse fato contribuiu para atrair ainda mais atenção dos americanos para Woodstock. Já o festival de Altamont, perto de São Francisco (Califórnia), foi um pesadelo. Congestionamento de trânsito, consumo exagerado de bebidas alcoólicas e anfetaminas, discussões e brigas violentas, quatro mortes e espancamentos promovidos pela “segurança” a cargo da *gang* de motociclistas *Hell’s Angels*. Altamont foi sombrio,

¹⁶ Abbie Hoffman, um dos nomes destacados da contracultura americana, escreveu no livro *Woodstock Nation* (Random House, 1969): “Se eu tivesse que resumir a experiência de Woodstock, eu diria que foi a primeira tentativa de aterrissar um homem na Terra”.

anunciando talvez o estertor do movimento *hippie* e o despertar cruel para a dura realidade.

“A barricada fecha a rua mas abre o caminho”?

Em junho de 1968, quando as instituições francesas haviam conseguido conter as rebeliões estudantis, apareceu uma inscrição num muro de Paris com o seguinte teor: “Deus está morto, Marx está morto, Freud está morto e eu mesmo não me sinto muito bem”. O grafite profetizava o fim próximo do ciclo de intensas e intrincadas mobilizações dos jovens pelo mundo. Dois anos depois, em dezembro de 1970, numa entrevista sobre a revolução dos anos 1960 concedida à revista *Rolling Stone*, John Lennon sentenciou: “O sonho acabou. As coisas continuam como eram, com a diferença que eu estou com trinta anos e uma porção de gente usa cabelos compridos”. O ex-Beatle indicava, sem meias palavras, o esgotamento das utopias jovens, em função tanto da repressão quanto da assimilação de parte do ideário e dos comportamentos novos pela sociedade de consumo.

De fato, os *hippies*, os *panteras negras*, os estudantes rebeldes, a *Nova Esquerda*, etc, foram derrotados pelos *yuppies* (*young urban professionals*) a partir dos anos 1970. Os *yuppies*, ao contrário de seus antecessores contestadores, têm como motivação praticamente exclusiva o ganho econômico imediato, obtido a qualquer custo e por qualquer meio. Se antes, nos anos 1950 e 1960, os jovens dividiam as pessoas entre *hipsters* (os que se opõem aos “caretas”) e *squares* (os “caretas”), nas décadas seguintes a divisão passou a ser entre *wINNERS* (“vencedores”) e *losers* (“perdedores”). A onda ascendente do neoliberalismo jogou muitas pás de cal sobre o criticismo e a inquietação existencial, ética e estética que animavam os jovens rebeldes dos anos 1960. A sociedade de consumo soube neutralizar a efervescência nas ruas, universidades e espaços culturais. Tarefa facilitada, de um lado, pela fragmentação e espontaneidade dos movimentos rebeldes da juventude de 1960 e, de outro lado, pela

recusa desses movimentos de construir uma organização mais unificada, centralizada e estratégica. No plano político, a originalidade da rebeldia dos jovens de 1960 foi também o seu calcanhar de Aquiles. O *Sistema* habilmente explorou em seu proveito dois paradoxos que caracterizaram a *revolução sem rosto* dos anos 1960.¹⁷ O primeiro paradoxo: os jovens rebeldes de então insurgiram contra um mundo materialmente melhor do que o de seus pais e avós. O segundo paradoxo: a *revolução sem rosto* propagou-se por meio da cultura *pop* dependente dos *mass media*, principalmente do cinema, do LP, da televisão.

Então, seria correto afirmar que a contestação juvenil dos anos 1960 fracassou completamente? Suas utopias foram dissolvidas no fluxo da história? Nesse particular, o filósofo Wittgenstein, para quem os sonhos da humanidade virtualmente nunca se realizam, teria razão? É verdade que a “sociedade alternativa” sonhada por *hippies*, *panteras negras* e *yippies* não substituiu a sociedade capitalista ou o socialismo real (que só cairia na virada dos anos 1980 para os anos 1990). Os jovens rebeldes dos anos 60 eram contra o poder da direita e da esquerda oficiais, contra o consumismo e a família nuclear, contra o Estado burocratizado e planejador, contra o complexo industrial-militar e as guerras, contra a competição alucinada entre indivíduos e nações, contra tudo que representava a sufocação da vida. Eles insistiram na precedência do indivíduo ante o coletivo, na democracia nas ruas, na busca de outro modo de vida. Eles desejaram um novo indivíduo, dono da sexualidade, liberada da função reprodutiva, maior espaço social e político para as mulheres, os negros e outras “minorias”. Eles acreditaram na primazia da felicidade e numa autêntica força internacional, a *Internacional dos Jovens*, por isso grafitaram na Universidade de Berkeley: “A felicidade é o poder estudantil”. Os jovens rebeldes dos anos 1960 desconfiaram de qualquer poder estabelecido e

¹⁷ A expressão *revolução sem rosto* foi título de artigo publicado por Edgar Morin no jornal *Le Monde* em maio de 1968, sobre a rebelião estudantil na França.

fizeram o elogio (ou seria a redescoberta?) do encontro no plano existencial.

O *poder jovem*, porém, não vingou. Foram sufocados no período hegemônico pelas idéias e políticas de Margareth Thatcher e Ronald Reagan os que sonharam com libertações explosivas, os que flertaram com mitos românticos, os que afundaram em escapismos desesperados. Mas nem tudo foi em vão: ficou o esforço de (auto)transformação, ficaram gestos de grandeza, preocupações fecundas, uma nova sensibilidade e criações de artistas cheias de encanto. Apesar do fracasso em definir um projeto político, as utopias dos jovens dos anos 1960 deixaram um legado substancial. Valores e crenças ali ativados continuam indispensáveis para a crítica da apatia e da mesmice políticas e da mercadofilia dos tempos atuais.